

meu  
*filho*

EDITORA  
CIVIL

Solicite nosso catálogo completo, com mais de 500 títulos, onde você encontra as melhores opções do bom livro espírita: literatura infantojuvenil, contos, obras biográficas e de autoajuda, mensagens espirituais, romances palpitantes, estudos doutrinários, obras básicas de Allan Kardec, e mais os esclarecedores cursos e estudos para aplicação no centro espírita - iniciação, mediunidade, reuniões mediúnicas, oratória, desobsessão, fluidos e passes.

E caso não encontre os nossos livros na livraria de sua preferência, solicite o endereço de nosso distribuidor mais próximo de você.

*Edição e distribuição*

**EDITORA EME**

Caixa Postal 1820 - CEP 13360-000 - Capivari - SP

Telefones: (19) 3491-7000/3491-5449

vendas@editoraeme.com.br - [www.editoraeme.com.br](http://www.editoraeme.com.br)

WANDA A. CANUTTI  
PELO ESPÍRITO EÇA DE QUEIRÓS

# Meu filho

Capivari-SP  
– 2015 –

© 2015 Wanda A. Canutti

Os direitos autorais desta obra foram cedidos pela autora para a Editora EME, o que propicia a venda dos livros com preços mais acessíveis e a manutenção de campanhas com preços especiais a Clubes do Livro de todo o Brasil.

A Editora EME mantém, ainda, o Centro Espírita “Mensagem de Esperança”, colabora na manutenção da Comunidade Psicossomática Nova Consciência (clínica masculina para tratamento da dependência química), e patrocina, junto com outras empresas, a Central de Educação e Atendimento da Criança (Casa da Criança), em Capivari-SP.

1ª edição – agosto/2015 – 3.000 exemplares

CAPA | André Stenico  
DIAGRAMAÇÃO | Marco Melo  
REVISÃO | Léa Canutti Fazan

Ficha catalográfica

Queirós, Eça de (Espírito)

Meu filho / pelo espírito Eça de Queirós; [psicografado por]  
Wanda A. Canutti - 1ª ed. ago./2015 - Capivari, SP : Editora  
EME.

296 p.

ISBN 978-85-66805-64-2

1. Romance mediúnico. 2. Orfandade e perdão.  
3. Vida no mundo espiritual. 4. Lei de ação e reação.  
I. TÍTULO.

CDD 133.9

# SUMÁRIO

Palavras do autor .....	7
1. Terrível imprevisto .....	11
2. Estranho sentimento .....	27
3. Preocupações de mãe.....	45
4. Hóspedes inesperados.....	57
5. Nova tentativa .....	73
6. Um recurso estranho .....	89
7. Esperanças vãs.....	111
8. E o tempo passou... ..	123
9. Nova realidade .....	137
10. Ação nefasta .....	153
11. Recursos espirituais .....	171
12. Aceitação .....	187
13. Encontro feliz.....	203
14. Em recuperação .....	215
15. Encontro com o passado .....	229
16. Reflexões.....	249
17. Um teste fundamental.....	265
18. O perdão.....	285



## PALAVRAS DO AUTOR

TODOS OS HOMENS QUE ainda vivem na Terra têm muitas imperfeições. Sendo ela um planeta de provas e expiações, os que aqui estão têm seus compromissos para serem desfeitos, e trazem uma programação de vida justamente direcionada para os resgates que devem realizar, visando o seu aprimoramento espiritual.

Em aqui estando, porém, quando uma adversidade lhes bate à porta modificando a vida que esperavam viver, se desesperam, não conseguem adequar-se à nova situação e revoltam-se.

Justamente por não compreenderem os desígnios de Deus, precisam inculpar alguém pelo que lhes aconteceu, e, quando o encontram, descarregam sobre ele a sua ira, a sua inconformação. E esse alguém passa a ser o objeto do seu desprezo, mesmo que seja um ente que deveria lhes ser muito caro. Um ente que fora trazido ao seu lar para também cumprir a sua programação de vida e, inocente de culpas, recebe constantemente toda a carga de sofrimento que lhe impõem.

O lar é o lugar primeiro onde os resgates são efetuados. É no dia a dia, no seio familiar, que estão as nossas maiores oportunidades de aprimoramento espiritual. É justamente lá que desfazemos os compromissos que trouxemos, ou adquirimos outros se não soubermos nos conduzir, mantendo uma convivência cristã e fraterna com aqueles que foram determinados por Deus para partilharem conosco da nossa existência terrena.

Ninguém é colocado no nosso lar por acaso. Ou temos compromissos com eles para serem ressarcidos, ou eles têm conosco e precisam do nosso amor, do nosso entendimento para desfazerem os seus.

Saibamos, pois, viver o presente pensando no passado das nossas múltiplas existências, mas pensemos também no futuro para vivermos em paz, sem sofrimentos, porque sabemos, erro nenhum praticado por nós fica sem ser ressarcido. Deus é justo e nada faria a um filho seu para vê-lo sofrer. Se hoje sofremos, é porque muito já erramos.

A Justiça Divina sempre se cumpre, mas ela está estreitamente relacionada às nossas ações, e só se aplica pelo mal que praticamos, pelos débitos que contraímos, como forma de nos reeducar e reencaminhar para o bem.

Façamos, pois, tudo para termos uma vida tranquila, vivendo dentro dos preceitos prescritos por Jesus quando esteve conosco, se quisermos ser feliz.

Alijemos o sofrimento de nossa vida, sabendo vivê-la pensando em nós e naqueles com os quais con-



vivemos, compreendendo-os, auxiliando-os, orientando-os e encaminhando-os, para que nós próprios possamos receber de volta o amor que lhes dedicamos e, acima de tudo, a gratidão de Deus por termos auxiliado seus outros filhos que aqui estão, também em processo evolutivo.

*Eça de Queirós*  
*Araraquara, 05 de abril de 2001*



## TERRÍVEL IMPREVISTO

CAMINHANDO POR UMA RUA movimentada da cidade de Londres, numa manhã de verão, ia um homem cabibaixo, triste, sem dar atenção aos transeuntes que cruzavam com ele.

Trazia o coração partido pois acabara de deixar, num cemitério da cidade, a sua querida esposa.

Tão unidos eram ambos no amor que se dedicavam, que ele não podia imaginar a vida sem ela.

Quantas esperanças tiveram naquele casamento que fora realizado no verão passado! Quantos preparativos para a formação do novo lar e quantas alegrias quando souberam que um filho lhes chegaria!

Ah, mas se soubessem que para a chegada dele seria necessária a partida da sua querida esposa, nunca teriam se alegrado tanto quando ele se fez anunciar.

Agora, o que faria ele sem a esposa, a sua querida Stella, com um filhinho recém-nascido para ser criado, se o seu coração sangrava de tanta dor?

Ah, doces esperanças que alegraram as expectativas

da sua chegada! Quantas vezes formularam, em suas mentes, planos para ele!

Entretanto ele chegara e nada fora como esperavam. Ao invés da alegria que toma os corações naquele momento em que Deus os presenteava com o fruto mais sagrado do amor que os unia, era só tristeza e desespero por nada poderem fazer. Ela esvaía-se da vida deixando em seu lugar aquele que, para ter vida, roubara a da mãe.

Ele não queria aquele filho sem ela! O que faria para criá-lo sozinho?

No momento em que caminhava depois de ter deixado a esposa na sepultura, dirigia-se para casa onde o filho estaria esperando por um carinho seu, uma vez que não contaria com os braços ternos da mãe, nem com o leite com que ela o amamentaria.

Caminhando, caminhando, cada vez mais devagar, não desejando chegar para não ter que se deparar com uma realidade que se recusava a aceitar, o espaço que o separava do lar foi vencido.

Ao entrar, antes de procurar ver o filho que ficara com uma senhora que o ajudara a nascer, atirou seu corpo numa poltrona e chorou muito.

Como sua vida se transformara tanto num ano apenas! Num verão tantas esperanças, no outro tanta dor!

A senhora que cuidava do bebê, ouvindo-o entrar, foi ao seu encontro, dizendo:

- Ele está bem, senhor Thomas! Está bem aconchegadinho no berço e agora dorme. Dei-lhe um pouquinho

de leite, e ele nada sabe do que aconteceu. Agora o senhor precisa arrumar alguém que cuide dele e continuar a sua vida.

Ela falava, falava, mas Thomas não ouvia nenhuma das suas palavras, tão mergulhado estava nos próprios pensamentos, na própria dor.

O que lhe interessaria ouvir sobre o filho, se o ser que tanto amava não estava mais em sua companhia? Como se movimentaria dentro daquele lar que preparara com tanto carinho e alegria para viverem uma vida cheia de amor?

Como permanecer ali sem o ser que lhe dava vida, que tornava a casa alegre, mesmo no dia mais cinzento do inverno que tiveram naquele ano?

A senhora que lhe falava tornou ao quarto onde o bebê se encontrava, mas logo voltou dizendo que apenas o esperara mas precisava ir embora.

Alertado com aquela notícia que lhe deixava sem ação, ele respondeu, indagando:

- Como posso ficar aqui sozinho com o bebê se nada saberei fazer para ele? É necessário os cuidados de uma mulher! É preciso banhá-lo, alimentá-lo...

- Vou ver se encontro alguém que possa ajudá-lo, por enquanto. Depois o senhor verá o que fazer. Onde estão seus pais? - indagou ela.

- Meus pais não moram nesta cidade e nada sabem do que aconteceu!

- Sua esposa não tinha mãe?

- Não, ela era só! Sua mãe havia morrido há mui-

to tempo e seu pai casou-se com outra, mas não moram aqui.

- Então o senhor tem que se sujeitar a uma pessoa estranha. Vou ver se arrumo alguém o mais rápido que puder.

- E enquanto não arrumar, o que farei?

- Eu voltarei mais tarde, mas agora preciso ir à minha casa. Quem sabe na minha volta eu já tenha alguma notícia para o senhor. Vou ver com uma vizinha, uma senhora que ficou viúva há pouco tempo e precisa trabalhar para acabar de criar os filhos.

- Eu preciso de alguém que possa morar aqui!

- Não será fácil, mas de início terá que aceitar o que conseguir, até que tenha alguém como deseje.

- Está bem, se não há outro jeito...

- O senhor precisa alimentar-se e descansar, que se sentirá melhor!

- Não se preocupe comigo!

- Lembre-se de que agora tem um filho para criar e precisa cuidar-se para não deixá-lo só.

- Antes não o tivesse! Se para ele chegar foi preciso que minha querida esposa partisse, seria melhor que não tivesse vindo.

- Não fale assim! São os desígnios de Deus, que, embora não possamos compreender, acontece o que deve acontecer.

Ele não deu resposta e ela saiu prometendo voltar.



O BEBÊ CONTINUOU DORMINDO e algumas poucas horas passaram. Mais tarde, quando aquela senhora voltou, Thomas estava ainda sentado na mesma poltrona, absorto, desanimado, com o pensamento na esposa e na grande desgraça que se abatera sobre ele.

Algumas vezes precisou bater até que ele despertasse das suas recordações e da sua dor e levantasse para atender.

Ao abrir a porta, deparou-se com a mesma senhora que o ajudara até algumas horas antes, trazendo uma outra que deveria ser a vizinha a que se referira.

- Trouxe a pessoa da qual lhe falei. Se o senhor aceitar, dentro do que lhe é possível ela aceitará o trabalho.

- Entrem, por favor!

- Já expliquei a ela o que deve fazer. Cuidar do bebê em primeiro lugar e, enquanto ele dormir, cuidar do resto das necessidades da casa, inclusive preparando as refeições para o senhor.

Ele ouviu sem nada dizer, como se nada tivesse com o que a senhora expunha, mas foi despertado pelo que ela lhe falou:

- Agora cabe ao senhor decidir o que fazer. Ela tem duas crianças ainda muito pequenas que precisam ser cuidadas, mas só poderá aceitar o trabalho se permitir que as traga consigo, porque não tem com quem deixá-las. Quanto ao trabalho e os cuidados com o bebê, o senhor poderá ficar descansado que ela dará conta de tudo. Tendo os filhos em sua companhia trabalhará despreocupada. Pense que, para o momento, é com o que

poderá contar, até que tome alguma outra decisão. O bebê não pode ficar sem ninguém que dele cuide.

- Está bem, eu aceito as suas condições. Preciso de alguém e muito mais precisa meu filho. Quando a senhora poderá começar?

- Agora mesmo! Verei o que fazer, ficarei até o início da noite. Amanhã pela manhã virei com meus filhos e ficarei o quanto for necessário. Minhas crianças são pequenas mas não darão trabalho. São boazinhas e calmas, mas precisam ainda de mim. Tenho um menino de quatro anos e uma menina de dois.

- Está bem, depois combinaremos o seu salário. Aqui terá as suas refeições, que a senhora mesma preparará e alimentará também seus filhos.

- Vamos ver o bebê! - convidou-a a senhora que a trouxera.

Elas se afastaram, e ele retornou à posição em que estivera até então. Em nenhum momento desde que entrara em casa foi ao quarto ver o filho. Como estava dormindo, para ele era como se não existisse ninguém.

À noite, porém, deveria ficar só com ele e precisaria estar atento. A senhora lhe daria algumas orientações, deixaria uma mamadeira pronta, mas logo pela manhã estaria de volta e cuidaria dele como deveria.

O trabalho começou a ser desenvolvido, e, enquanto o bebê continuava dormindo elas foram à cozinha ver o que possuíam e o que poderia ser preparado para o jantar.

A que a trouxera, depois de lhe mostrar a casa e dar algumas instruções, foi logo embora. Os filhos da vizi-



nha haviam ficado em sua casa com sua filha mais velha e ela precisava vê-los.

Quando algum alimento foi preparado para a refeição ela o chamou, mas ele não quis comer nada.

Ela insistiu, dizendo-lhe que era necessário, que ele precisava continuar vivendo, falando do seu próprio caso. Havia perdido o marido há cerca de um mês, sofrera muito e ainda sofria, mas precisava continuar lutando porque tinha os filhos, explicando que sua situação era ainda pior pois quem trabalhava em sua casa era o seu marido. Com a morte dele, ela ficara sem nada e, se não trabalhasse, não teriam nem o que comer.

Ele não prestou atenção ao que ela dizia, mas depois, diante de tanta insistência, decidiu alimentar-se um pouco.

Enquanto se alimentava, ela retornou ao quarto para ver o bebê que já estava acordado, cuidou dele, preparou-lhe uma mamadeira e ele se apaziguou novamente.

Antes de sair ela também se alimentou, deixou a cozinha em ordem, deu algumas orientações sobre como ele deveria proceder com o bebê se chorasse, deixou uma mamadeira pronta, mas, ao retirar-se, ele lhe disse:

- Eu preciso de alguém que fique com ele dia e noite!  
Eu não sei cuidar de criança!

- Mas se aprende, senhor! Os filhos são os nossos maiores bens. Por causa deles nos esforçamos para superar problemas.

- Não gosto dele! Não fosse por ele, minha esposa ainda estaria aqui comigo.

- Não lhe imponha culpas que ele não tem! Deus sabe o que faz, e, no lugar de sua esposa que Ele deveria levar, ainda lhe deixou um filho para que o senhor se lembre dela, como um presente que lhe deixou.

Thomas não respondeu e ela, repetindo alguma recomendação, retirou-se dizendo que na manhã seguinte, bem cedo, voltaria.

O pior para ele foi ficar com o bebê sem saber o que poderia acontecer. Até aquela hora ele estava quieto, mas, e durante a noite? Com certeza acordaria chorando, com fome, e deveria até ser trocado, e ele, o que faria?

Se até aquele momento a dor e a tristeza corroíam o seu coração, agora sentia desespero. A solidão em que se encontrava doía muito, e o receio de ter que cuidar do filho o amedrontava.

Desde que chegara do cemitério onde deixara a esposa querida, ainda não entrara no quarto, não vira o filho.

Como entrar no local onde vivera com a esposa momentos ternos de amor e de esperanças, quando o filho se fez anunciar?

Como olhar para o seu bercinho que fora preparado com tanto carinho por ela, e a cada noite que se deitavam ela dizia:

- A cada dia mais se aproxima a hora do nosso querido filho chegar e ocupar o seu berço vazio, mas já cheio de amor para lhe dedicar. Todo o amor que nós mesmos colocamos para recebê-lo.

De que lhe adiantava agora ter o berço ocupado por

seu filho, se o lugar da mãe estaria vazio para sempre? O que faria ali sozinho com aquele ser que deveria ter sido recebido com tanto amor mas que só lhe inspirava revolta?

Sentado ainda na sua poltrona na sala, ele não tinha coragem de entrar no quarto.

O filho deveria estar dormindo porque o silêncio era profundo, e quanto maior ele pesava, mais feria o seu coração.

Passadas algumas horas, porém, mesmo sem conseguir dormir, mas tão alheio pelos seus pensamentos, ele foi despertado pelo choro do bebê.

O que fazer?

Esperou mais um pouco para ver se se acalmava, mas o choro continuava e ele teria que tomar alguma atitude.

Sem vontade e até irritado, mas compreendendo que era de sua obrigação ir vê-lo, vagarosamente levantou-se, caminhou até a porta do quarto, parou um instante, mas não pôde evitar de entrar.

Ele estava vermelhinho de tanto chorar, deveria estar sujo e com fome, mas o que poderia fazer era dar-lhe a mamadeira e nada mais. Foi à cozinha onde a encontrou pronta e levou-a ao filho, segurando com cuidado enquanto ele mamava sofregamente, acalmando-se.

Quando acabou de lhe dar a mamadeira ficou olhando algum tempo para o filho até que ele adormeceu novamente e voltou para a sala.

As horas continuaram a passar e as primeiras clari- dades do dia começaram a se derramar sobre a Terra,

mas ele nem deu acordo disso. A noite passara e ele não dormira um só minuto.

Logo mais ouviu bater à porta, e, indo atender, encontrou a senhora que contratara com os dois filhos.

Ela logo foi perguntando como passaram a noite, entrou rapidamente recomendando aos filhos que a esperassem quietinhos e foi ao quarto ver o bebê.

- Ah, pobrezinho! - exclamou ao retirá-lo do berço e tomá-lo ao colo. - Está todo sujo e com fome, mas vou lhe dar um banho, mudar a sua roupinha, depois tomará a mamadeira e ficará bem outra vez.

As crianças ficaram esperando a mãe na sala, quietas, sem se mexerem do lugar, um tanto assustadas pelo local desconhecido.

Quando o bebê estava preparado e calmo, ela começou as outras providências da casa.

Preparou a primeira refeição do patrão, e insistiu para que ele tomasse um banho, trocasse de roupa e se alimentasse pois se sentiria melhor.

- O senhor não descansou esta noite que a cama estava arrumada. Se não se cuidar, quem ficará doente será o senhor. Lembre-se de seu filho que precisa muito do pai.

- Mas eu não preciso dele!

- Não fale assim! Esse menino ainda lhe dará muitas alegrias; será a sua companhia e o amará muito.

Sem responder para não ouvir mais nada, decidiu ir tomar o banho, mudar a roupa e depois tomar a sua refeição matinal.

E depois, o que faria?

Teria que retornar ao trabalho mas não se sentia com coragem.

A senhora perguntou se ele não iria trabalhar, e ele respondeu-lhe que ainda não. No dia seguinte, se se sentisse mais bem disposto, iria.

- O senhor precisa fazer alguma coisa, distrair-se, que lhe fará bem. O trabalho é uma bênção de Deus que nos auxilia a enfrentar os problemas. O senhor precisa reagir!

Como não tinha vontade de responder, ele foi para a mesma poltrona em que estivera a noite toda.

A senhora, vendo-o no mesmo lugar, tornou a lhe falar:

- Por que enquanto o seu filho dorme, não se deita também e descansa um pouco? Far-lhe-á bem!

Thomas continuou calado e ela achou melhor não lhe dizer mais nada. Na verdade ele passava por um período muito difícil de sua vida e não seriam as suas palavras que modificariam os seus sentimentos, o seu estado de ânimo.

Ela sabia bem o que ele estava passando, compreendendo também que aquela situação para o homem era mais difícil que para as mulheres que, obrigadas pelos seus afazeres, distraem-se muito mais e enfrentam as situações com mais coragem.

O dia foi transcorrendo, as atividades da casa sendo desenvolvidas, sem se descuidar do bebê, e Thomas sempre sentado, absorto, calado.

Algumas horas mais tarde, quando o almoço estava para ser servido, ele levantou-se e, sem avisar, saiu à rua.

Não competia à senhora que cuidava da casa perguntar onde ia e ele também, achando que não lhe devia satisfações, nada comunicou.

Talvez nem ele mesmo soubesse, mas o desejo de deixar aquele ambiente de tantas recordações, fê-lo sair.

Que rumo tomaria? Não tinha planos, nada queria fazer na rua, apenas andar, andar, para, quem sabe, aliviar a mente do peso de tantas recordações e o coração de tanta dor.

Andando sem rumo, ele viu-se no cemitério diante da sepultura da esposa e lá chorou toda a sua dor, sem barreiras, sem preconceitos, sem nenhum constrangimento.

Mais aliviado começou o percurso de volta, e depois de duas horas entrava em casa.

A senhora tranquilizou-se e chamou-o para almoçar, dizendo-lhe que o esperava há tempos, e, como ele demorava, tomara a liberdade de alimentar seus filhos, mas que esperara que ele fizesse a sua refeição que depois ela faria a sua.

- A senhora não precisava esperar-me, deveria ter almoçado também. Eu não tenho vontade de comer nada.

- Mas deve comer! A mesa está posta, eu o servirei! O senhor não pode continuar como está. Compreendo o momento difícil por que está passando, mas precisa reagir. Os que aqui permanecem têm que prosseguir cumprindo suas obrigações, principalmente as de trabalho, que ajudam a esquecer um pouco o sofrimento.

- Eu não quero esquecer nada! Quero ter a minha esposa a todo instante no meu pensamento.

- O senhor já ouviu dizer que temos uma alma e que, ao deixarmos a Terra, ela é recolhida a um lugar onde continuará vivendo?

- Nunca ouvi falar nada disso!

- Mas é verdade! Ouvi também dizer que elas, onde se encontram, sentem a nossa tristeza, veem as nossas lágrimas e ficam infelizes quando assim acontece. Elas, que partiram, querem que aqueles que ficaram sintam-se tranquilos e continuem a sua vida.

- De onde a senhora foi tirar tantas sandices?

- Não são sandices, senhor! Eu sei que é assim!

- Não diga bobagem! A minha querida deixei no cemitério e hoje fui visitar a sua sepultura. Ela está lá!

- Almoce, senhor, que se sentirá melhor!

De nada adiantaria, naquele momento, falar-lhe a respeito da alma que continuava vivendo, porque ele não estava preparado, mas ela não desistiria. Sempre que houvesse oportunidade lhe falaria alguma coisa até que ele se habituasse e passasse a se interessar em mais aprender para o seu próprio conforto.

Quase ao fim do dia, quando se aproximava a hora da senhora ir embora, ele, assustado por ter que ficar só com o bebê, chamou-a para uma conversa.

- Sente-se, senhora.... A senhora está trabalhando aqui e ainda não sei seu nome.

- Chamo-me Ellen, senhor!

- Pois bem, senhora Ellen, tenho uma proposta a

lhe fazer, mas antes vou lhe fazer uma pergunta: - Onde mora?

- Perto daquela senhora que me trouxe aqui. É muito longe, num lugar pobre.

- A casa é sua?

- Antes fosse! Pago aluguel e, se não trabalhar, ficarei na rua.

- Era o que eu queria saber. Se a senhora gostou de trabalhar aqui, tenho dois quartos vagos na casa, como já deve ter visto, e, se quiser, pode ocupar um deles com seus filhos, levando também, consigo, para o seu quarto, o berço com o bebê, porque não sei lidar com ele nem tenho vontade de aprender.

- O senhor está me convidando para morar aqui?

- O seu salário será o mesmo mas economizará o dinheiro do aluguel. Traga suas coisas, o necessário para o quarto, e mude-se para cá.

- É uma proposta muito vantajosa para mim. Não tendo que ir e vir todos os dias, que fica difícil por causa das crianças, posso dedicar-me mais ao seu filho.

- Se aceita, pode providenciar a sua mudança, mas que não passe de amanhã.

- Está bem, senhor! Amanhã me mudarei para cá. Talvez eu chegue um pouco mais tarde pelas providências que devo tomar, mas pedirei à senhora que me indicou que venha aqui logo cedo para as primeiras obrigações com o bebê. Depois o senhor poderá ficar sossegado que tomarei conta de tudo. A propósito, também ainda não sei seu nome.



- Chamo-me Thomas!

- Está bem, senhor Thomas! E o bebê, como se chama?

- Ainda não lhe colocamos o nome. Havia até me esquecido! Minha esposa sempre dizia que se fosse um menino, desejava que tivesse o meu nome, mas eu não quero. Vou pensar em outro porque preciso registrá-lo.

- Não deve esperar muito porque ele precisa ter o seu registro de nascimento.

A conversa ficou encerrada. Ela prometeu deixar tudo em ordem para que ele pudesse passar a noite tranquilo, dizendo que, na noite seguinte, estaria ali e ele poderia ter a sua noite de sono em paz.